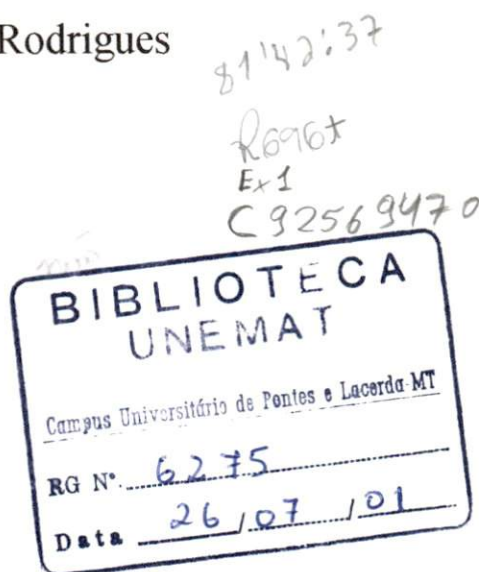


Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Textos dos Livros Didáticos e a Discriminação Social

Maria de Lourdes da Silva Rodrigues



Pontes e Lacerda (MT)
2001/1

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Textos dos Livros Didáticos e a Discriminação Social

Ensaio monográfico desenvolvido no
Estágio Supervisionado de Língua
Portuguesa e Literaturas do VIII
Semestre do Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade do
Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda (MT)
2001/1

“Não é a aprendizagem
que deve se ajustar ao
ensino, mas sim o ensino
que deve potencializar a
aprendizagem.”

(PCN)

Sumário

Dedicatória-----	4
Agradecimento-----	5
Apresentação-----	6
Fundamentação Teórica-----	7
A Proposta dos PCNs e os Livros Didáticos-----	13
Considerações finais-----	19
Bibliografia-----	20
Anexos-----	22

Dedicatória

Dedico este trabalho final a Deus, em primeiro lugar, por ter me concedido saúde e graça.

Quero agradecer ao apoio que recebi de minha família e à saudosa Professora Shirlei Ap. de Fátima G. Máschio, minha orientadora inicial, que me ajudou a encontrar os rumos para que este trabalho viesse a ser concretizado.

Agradeço também aos demais professores desta Instituição que direta ou indiretamente cooperaram para que eu chegasse com êxito até o final deste curso.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de ver este sonho realizado. Mesmo aos quarenta e cinco anos de idade, tenho recebido graça e entendimento.

Senhor, faça de mim um instrumento em suas mãos.

Apresentação

Desde que me dediquei à educação atuei como professora nas séries iniciais e venho me deparando com um ensino que deixa muito a desejar, na área de Língua Portuguesa, relacionado com os textos do Livro didático, pois os mesmos abordam um tipo de vida fantasiosa e discriminativa para a classe que não possui poder aquisitivo elevado.

A maior parte dos estudos sobre a ideologia dos livros estão desvinculados da realidade das crianças. (FREITAG, 1997:116).

Mediante as carências que ainda existem e a necessidade de mudança no modo de transmitir conhecimentos da área, no ensino fundamental nas séries iniciais e diante do grande avanço tecnológico que o mundo passa, tive a curiosidade de ser mais uma a abordar o corpus deste trabalho, onde analisarei textos de leitura de alguns livros didáticos.

Estarei comentando sobre a discriminação que a classe dominada passa e a “doação” dos livros didáticos nas escolas públicas, a necessidade de alertar as crianças quanto aos conteúdos que estão ocultos nas entrelinhas de certos textos.

Para que este trabalho fosse realizado busquei embasar-me em leituras de vários teóricos que dessem referências para uma possível apresentação da fundamentação teórica e da análise dos dados conforme pode ser constatado a seguir,

Para que eu tivesse maior segurança, estive fazendo um trabalho de entrevista através de nove perguntas escritas nas quais envolveram-se duas professoras da primeira e segunda fase do 2º ciclo de uma Escola Estadual de Pontes e Lacerda.

A entrevista será baseada na própria experiência da entrevistada e também na leitura feita por elas sobre três textos que se encontram anexados no presente trabalho.

Solicito também aos possíveis leitores desta monografia que leiam os textos anexados e tirem as próprias conclusões.

Fundamentação teórica

A escola prima pelo objetivo principal de estar aperfeiçoando seu plano de ensino no sentido de que este venha a ser o intercâmbio entre a escola e o meio social, pois a mesma está inserida neste meio. É uma das instituições incumbidas para estar formando indivíduos que futuramente vão estar atuando no mercado de trabalho, assim a escola hoje procura formar cidadãos críticos, capazes de opinar.

A formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para desenvolver competência e consciência profissional, mas não restringir-se ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho.

(PCN, Introdução: 47)

Percebe-se que a escola é um dos meios para a formação do sujeito, mas não é o principal e muitas vezes não tem autonomia de ação.

Os alunos não contam exclusivamente com o contexto escolar para a construção de conhecimentos sobre conteúdos considerados escolares. A mídia, a família, os amigos, são também fontes de influência educativa que incidem sobre o processo de construção de significado desses conteúdos.

(PCN, Introdução: 54)

Observa-se também que hoje a influência da família, igreja e escola são inferiores à da mídia.

A maioria dos pais, hoje, por não possuírem um poder aquisitivo suficiente são obrigados a deixar os filhos aos cuidados de uma babá mecânica por nome de “televisão”. Quem controla tão poderoso meio de comunicação é a classe dominante.

Prega-se sobre:

Os direitos fundamentais da cidadania e da criança como: igualdade, legitimidade, liberdade, saúde, educação, segurança, trabalho, justiça, num ambiente saudável. (...) valores que dão sustentação a essas ações, o amor, amizade, a honestidade, a sinceridade, a responsabilidade, o respeito, a fidelidade, a solidariedade, a humildade, o espírito de luta, justiça, ...

(Escola Ciclada de MT: 173)

Percebe-se uma realidade completamente distorcida e tudo o que se prega é pura demagogia.

É incoerente a ideologia que a classe dominante utiliza, a contradição é clara entre seus discursos, abordando sobre a liberdade, igualdade, etc. e cruzando os braços diante das discriminações que a classe popular vem sofrendo.

O espírito de luta precisa ser despertado. A escola pública, em conjunto com a comunidade, necessita estar buscando alternativas que visem a proteger as crianças de serem moldadas pela classe dominante.

SNYDERSC (1978) tece a seguinte consideração: Para persuadir o proletariado de que é livre, que o mundo capitalista é um mundo de liberdade em que as probabilidades são iguais para todos, é necessário não se dizer nada sobre os mecanismos de exploração e de antagonismos entre as classes, quer dizer, passo a passo, sobre o mundo presente...

(VEIGA, 1996:99)

Sabe-se que o Ensino Fundamental servirá de base de sustentação para que o sujeito possa prosseguir sua contínua construção intelectual, mas se esta base for mal feita a tendência é a demolição. Por isso a escola precisa trabalhar com materiais de boa qualidade e pessoas capacitadas. Só assim, a construção desta base, com certeza, será consistente. Se a escola pretende que seu alunado construa conhecimentos, há que se ter a consciência do que se deve ensinar e como ensinar.

O mundo atual com suas mudanças tecnológicas faz com que a escola se sinta na necessidade de fazer a sua parte para que a mesma não fique desativada no espaço.

Nota-se que levar os sujeitos à compreensão de uma cultura diferente da sua, significa abrir-lhes espaços para uma visão de mundo, esclarecendo sua posição de vida

alheia à sociedade. Assim, teriam oportunidades de agir, dar a sua contribuição de participação nessa sociedade. Para que isso se torne possível, a escola deve ser o meio mais viável na transmissão dessa compreensão.

É totalmente indiscutível quanto à capacidade que a criança possui de aprender. Sabemos que seu universo de conhecimento é mais amplo do que imaginamos, sua história de vida deve ser respeitada. Cabe ao professor analisar as individualidades e cooperar na busca de novos horizontes.

Sabe-se que a criança se limita aos costumes de sua comunidade. O uso da fala, por exemplo, tudo constitui-se em um mundo de limitações.

A escola nesse caso seria o meio mais viável para oferecer a essas crianças a oportunidade de ter acesso à língua culta a qual facilitará seu convívio além das muralhas de seu contexto de vida social.

Olhando para o interior da sala de aula e verificando os materiais pedagógicos que estão sendo manipulados, principalmente o livro didático de língua portuguesa, percebe-se que o mal uso deste pode levar as crianças a uma rotina e não à evolução do conhecimento. O livro didático de língua portuguesa precisa ser visto como um dos recursos pedagógicos. Seus textos devem ser analisados antes de serem trabalhados e, ao serem trabalhados.

Ao invés de levar os alunos a um conhecimento mais profundo da realidade e a um posicionamento crítico frente a essa realidade, a aula de língua portuguesa (...), na maior parte das vezes, parecia servir apenas a propósitos de memorização...

... importa não só a quantidade como também a qualidade, que o relacionamento com a realidade vivencial do aluno é necessário a fim de levá-lo a pensar criativamente, a fim de propiciar-lhe também liberdade para explorar e experimentar, enfim conduzi-lo à reflexão e à ação.

(VEIGA, 1996:101)

Tendo-se em vista as constantes mudanças realizadas pelo sistema e o avanço social, percebe-se a preocupação escolar em acompanhar essas transformações.

Os professores começam a perceber a desvinculação da disciplina com a realidade de mundo. A formação do professor já não é suficiente para atender às

exigências solicitadas pelo sistema educacional. O corpo docente da escola precisa estar em constantes renovações para adequar o seu método de ensino com a presente mudança apresentada e a real situação de mundo. Acontece que os materiais pedagógicos também necessitam de mudanças. Nem sempre a escola pública tem recursos financeiros para a compra de novos materiais. Isso tem levado estas escolas a serem as maiores consumidoras de livros didáticos, pois os mesmos chegam “gratuitamente” em suas dependências.

Em nome de que princípios e interesses o Estado assume a compra desses livros? O exame do aspecto político do livro didático mostrou que as “razões” alegadas pelo Estado são as populações carentes.

De fato, essas populações de baixa renda não poderiam enviar seus filhos às escolas e pagar-lhes os livros didáticos, como mostrou J. B. A. Oliveira em seus vários estudos, é muitas vezes o único livro que essa criança recebe, o primeiro e o último que lhe cai nas mãos.

(FREITAG, 1997:138)

Percebe-se o contentamento da criança quando esta recebe seu livro de leitura, a maioria delas lê o livro todo, muitas vezes não tem nem noção do que leu a não ser algumas frases que podem ficar imprimidas para sempre em sua mente. Só que isso não significa que a criança tenha adquirido hábito de leitura. Nota-se que algumas crianças, principalmente as da zona rural, nem chegam a terminar o ensino fundamental, porque precisam dar sua parcela de contribuição nos serviços a fim de ajudar na manutenção dos lares.

Sabendo que o ensino fundamental é a base, desde as séries iniciais, a criança precisa passar por um ensaio real, uma preparação para o mundo, para a realidade. É preciso que o professor e, ou os pais, contribuam para que nossos filhos venham obter desde a infância o conhecimento de que, no mundo, nem tudo sempre é maravilhoso. Isto é percebido mediante a ideologia contida e transmitida pela leitura de muitos livros didáticos. O real significado pode passar despercebido pelo pequeno leitor, pela forma que ele trabalha o texto e assim poderá adquirir uma consciência contraditória da sociedade em que vive.

Ao se seja inconveniente o uso do livro didático, o importante é saber usá-lo e selecionar o que vai ser trabalhado.

Nosella aborda (125:1978) que:

Se o livro é usado de forma mecânica e acrítica, sem uma análise do professor e dos alunos (...); se o que há é a reprodução mecânica de informações com respostas direcionadas (...); se a criatividade e a criticidade dos alunos é sempre bloqueada (...); se para muitos professores o livro é a "peça" que gera todos os processos do ensino (...), enfim, a ação do professor e a ação dos alunos, então a questão da parcialidade se agrava.

Necessita-se introduzir textos de leitura nas salas de aulas que venham a despertar na criança o gosto da leitura. É interessante trabalhar a realidade local em primeiro lugar e isto não contém nos livros. É fundamental que se trabalhe, na escola, assuntos que realmente interessem aos estudantes. Para isso o professor precisa estar atento e sempre provocar debates sobre um tema levantado por um componente da turma.

Deve-se compreender e ter consciência quanto à posição da criança. Elas estão constantemente rodeadas e controladas por diversas instituições, sendo que cada uma destas (igreja, família, escola) tem uma forma diferenciada de transmissão de conhecimento. FARIA, 1981: 77 aborda:

... A burguesia dosa os conhecimentos a serem transmitidos pela escola primária, já que o saber também é de classe.

... O livro didático é o veículo de transmissão dos conhecimentos dosados e da ideologia da burguesia, e visa unicamente a classe operária.

(FREITAG, 1997:89)

Vê-se o mundo como uma grande máquina composta por peças chamadas instituições (família, igreja, escola, mídia, etc.) e esta máquina funciona automaticamente, pois foi reconstruída para ser direcionada por apenas um grupo social chamado de: "Os dominantes". Por isso as crianças devem crescer sob uma orientação

consciente. Não se deve enganá-las com falsas promessas. Deverão lutar e batalhar para serem elevadas e alcançarem um lugar mais reconhecido e valorizado. Elas têm potencial e liberdade de lutar pelos seus direitos. As crianças precisam ser capacitadas para que aprendam a sobreviver dignamente.

Sabe-se que o livro didático é um “veículo de transmissão de conhecimento” e que pode ser dosado dentro das conveniências da classe dominante, propositalmente endereçados aos “carentes” com segundas intenções. Diante de tudo isso, o professor não deve intimidar e sim estar sempre procurando novas estratégias de forma que venham despertar a criticidade do aluno com relação ao texto abordado. A criança precisa aprender a questionar o conteúdo do texto e comparar com sua própria realidade, levantar outras possibilidades e reescrever o mesmo, de acordo com seus próprios ideais.

A proposta dos PCNs e os Livros didáticos

O propósito da elaboração deste trabalho é analisar os textos de leitura de alguns livros didáticos nas séries iniciais e os PCNs do Ensino Fundamental. O primeiro porque é um dos recursos didáticos mais usados nas escolas públicas, o segundo porque é uma proposta de mudança no sistema atual de ensino que os professores precisam continuar estudando a fim de colocá-la em prática.

Em consideração ao assunto abordado, proponho que tenhamos uma reflexão de como esta questão está sendo encarada na sala de aula. É necessário que haja entre os profissionais da educação, uma troca conscientizada de idéias, sobre como transformar as aulas de leitura, de como que chame a atenção dos alunos e que seja de acordo com a realidade, conforme a situação que a vida atual exige.

Sabemos que "Os Parâmetros Curriculares Nacionais" estão apoiados em normas legais e que o mesmo oferece propostas que visam a contribuição na busca de solução dos problemas detectados no ensino. Cabe a nós professores; lutarmos para que os recursos pedagógicos "distribuídos" pelo Estado, também estejam em conformidade com a proposta e que tudo possa cooperar na formação genuína do cidadão que a própria proposta determina.

Sabe-se também que as metas dos projetos educativos que os PCNs abordam permitem flexibilidade no currículo escolar, dando oportunidade para que o mesmo possa ser elaborado de acordo com o que venha a atender aos interesses comuns.

Por ter conhecimento sobre "os direitos fundamentais da cidadania e da criança" que a lei prega é que despertou-nos a curiosidade de observarmos cuidadosamente alguns textos do livro didático que são utilizados quase sempre como ficha de leitura nas aulas de Língua Portuguesa nas séries iniciais. Procedemos uma entrevista com duas professoras da primeira e segunda fase do segundo ciclo a fim de coletarmos dados que auxiliassem na elaboração desta breve análise.

Diante dos trabalhos que temos presenciado e principalmente experiências vividas, porque achamos que os profissionais devem estar sempre se avaliando,

percebemos que estamos ainda, assumindo uma postura, na maioria das vezes, totalmente tradicional, isto é, não crítica.

Paulo Freire, 52:1991, diz:

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

Toda transformação gera sofrimentos. A adaptação dentro de um novo sistema exige sacrifícios e força de vontade, é um desafio que não nos permite fazermos de desaparecidos. Precisamos nos posicionar diante dos fatos, pois os mesmos fazem parte do nosso cotidiano. Como bons observadores temos que admitir que tudo vem se transformando gradativamente em nosso meio. A “educação” do presente não é a mesma do passado e nem será igual à do futuro.

Precisamos interagir e perceber o universo, aceitar os desafios da modernidade, buscar a formação de uma sociedade na qual “a apropriação do espaço” seja justa.

A escola deve ter consciência de como trabalhar, analisar a situação e repensar a estratégia que está sendo praticada na hora de planejar as aulas.

Na elaboração do planejamento anual, se faz necessário um período de sondagem para que as carências sejam detectadas e isso nem sempre é respeitado. Os recursos que têm sido usados, na maioria das vezes, são os manuais e quase sempre são os mesmos conteúdos e os planejamentos são geralmente entregues antes da sondagem.

Deve-se levar em consideração que o importante é romper os limites da “mesmice” e avançar, mesmo que seja lentamente, precisamos fazer parte do processo de transformação educacional.

Os livros, na sua maioria, trazem à tona, leituras discriminativas no aspecto social, quanto à classe mais, ou menos favorecida, e isso não deveria acontecer, já que os governantes enviam os mesmos a uma clientela de baixa renda.

No livro de Português, “Marcha Criança”, 4ª série, de Maria Teresa Marsico, na página 230:1996 tem uma parte que diz:

— Ela é pobre? — indaga Lucinha.

— Muito pobre, filham eu lembro que era noite de natal, Leninha, minha prima pediu-me para que colocasse meus sapatinhos junto aos dela, na janela do único quarto da pequena casa. (...).

Qual não foi minha decepção, quando à meia-noite levantei-me e vi meus sapatinhos vazios, molhados pelo sereno da noite. Sobre os sapatos de Leninha, uma boneca.

Esta citação foi retirada de um livro de edição não-consumível, isso quer dizer que se ele foi editado em 1996, teria que ter no mínimo uma duração de quatro anos e ainda hoje se encontra na escola, transformado nas famosas fichinhas de leitura.

O que podemos observar diante desta citação é que a leitura está abordando a história de uma família de condições financeiras bem reduzidas e sem nenhuma chance de adquirir aquilo que desejava, por mínimo que fosse. Com isso pode despertar um sentimento negativo nas crianças que lerem esta lição.

É justamente as crianças carentes que são enganadas com a idéia de que o papai Noel vem lhes trazer um presentinho na noite de véspera do Natal. É uma situação que ainda acontece nos dias atuais, e os que acreditam são crianças que geralmente ficam sem receber presente, porque os pais não têm condições de lhe dar.

Esse tipo de situação não traz nenhum benefício para ajudar a criança a adquirir o senso crítico, ela já vive isso. O que estas crianças precisam é de adquirir noção de como vencer esses obstáculos.

Em termos formais, o aluno precisa municiar-se de formação básica adequada, que lhe permita acesso sempre renovado ao saber estratégico necessário para compreender o mundo e nele agir como sujeito. Em termos políticos, o aluno precisa saber compreender e questionar a sociedade, participar como cidadão, ser membro ativo em seu meio.

(Pedro Demo, 1993)

No mesmo texto da menina pobre, ainda deparamos com outra abordagem e através da mensagem que a mesma transmite, podemos observar a esperteza do autor que vai tocar diretamente no lado emocional do leitor. Estes pequenos leitores fazem parte de um meio social onde o discurso que mais ouvem, em certos momentos, é que devem ter paciência, que nem sempre podemos ter aquilo que queremos. Eles são persuadidos pelos próprios pais que nem sempre percebem a realidade e acham que tudo isso acontece pela vontade de Deus.

Não há presente no mundo que pague o carinho, a solidariedade e o amor ao próximo. Tudo isso pode ser demonstrado através de pequenos gestos como os das pessoas daquela humilde casa.
(Marcha Criança, 4ª s., 231:1996)

Observamos que a situação financeira da referida família é precária. O amor, a solidariedade que pregam sobre os direitos humanos é contraditório diante deste fato. As crianças que leram este texto receberam como influência, que não importa a pobreza, o importante é o amor. A ideologia dominante transmitida pela leitura deste texto é fazer com que a classe de baixa renda viva conformada. Diante de tudo isso vemos que a mensagem que o texto está passando é a resignação diante das dificuldades. As crianças precisam adquirir espírito de luta e não de subordinação.

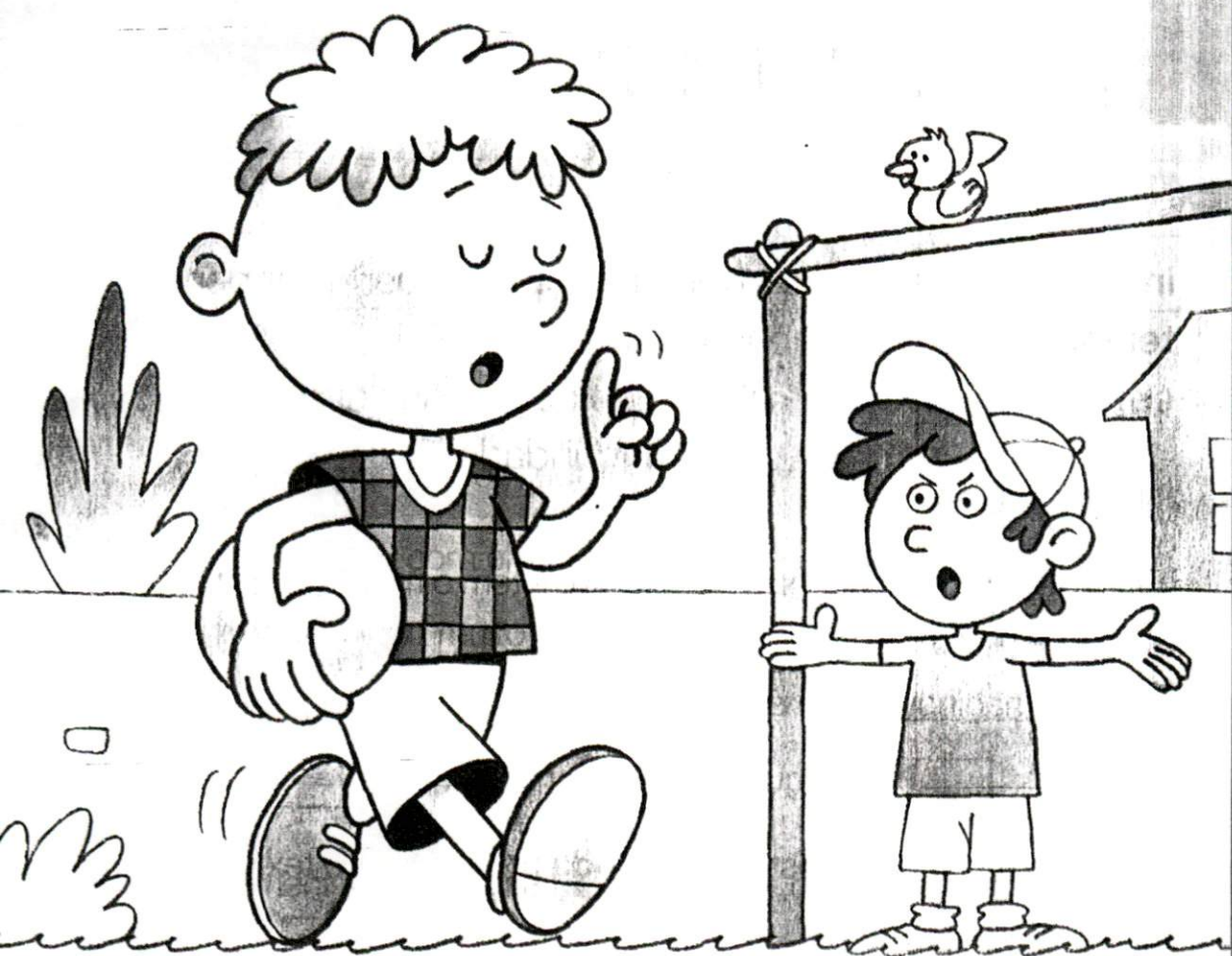
Há um outro texto que decidimos comentar, também se encontra anexado a este trabalho é “O dono da bola”, página 160 a 161 do livro “Porta de Papel” de Angiolina Domanico Bragança, 1996:

*Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua. Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar ! (...)
O nosso time estava cheio de amigos. O que não tínhamos era bola de futebol. (...) Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca.
— Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!*

Observa-se pela citação, que a leitura do texto não vai contribuir na formação da cidadania do pequeno leitor. Lembremos que os livros didáticos são exclusivos para a classe de baixo poder aquisitivo pois as crianças de famílias mais abastadas, na sua maioria, estudam nas escolas da rede primária.

O texto de onde foi destacada a citação acima, só poderá contribuir para que a criança desperte em si um sentimento de revolta. Porque um tem tantos brinquedos, mora na casa mais bonita e o resto dos meninos daquela rua nem mesmo uma bola de verdade podem possuir?

O texto também pode mexer com a sensibilidade da criança, criando nelas um espírito de conformismo, fazendo-as acreditar que o que vale, não é possuir tantos brinquedos, mas, sim muitos amigos.



Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca.

Mas, toda vez que a gente ia jogar com Caloca, acontecia a mesma coisa. Era só o juiz marcar qualquer falta do Caloca que ele gritava logo:

— Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!

— Ah! Caloca, não vá embora, tenha espírito esportivo, jogo é jogo...

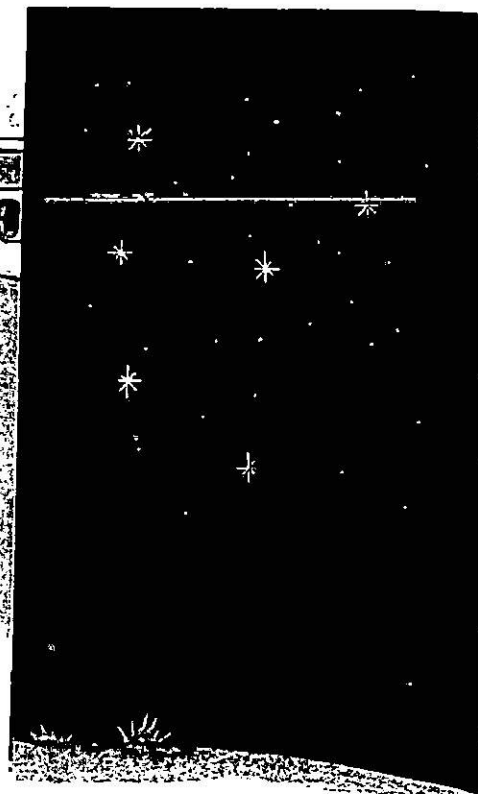
— Espírito esportivo, nada! — berrava Caloca. — E não me chame de Caloca, meu nome é Carlos Alberto!

E assim, Carlos Alberto acabava com tudo que era jogo...

Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias
Editora Salamandra, Rio de Janeiro

Papai Noel esqueceu de mim?



Era o dia 24 de dezembro de um ano qualquer, perdido no tempo e na lembrança dos tempos de criança de dona Dalva, mãe de Lucinha.

Contava ela comovida:

— Sabe Lucinha, eu estava com 7 anos quando isso aconteceu. Tinha chegado do interior para passar alguns dias na casa de uma tia que morava lá no morro.

— Ela era pobre? — indaga Lucinha.

— Muito pobre, filha, eu lembro que na noite de Natal, Leninha, minha prima, pediu-me para que colocasse meus sapatinhos junto aos dela, na janela do único quarto da pequena casa.

Leninha quis deitar-se logo, para acordar no meio da noite, com a surpresa do presente deixado por Papai Noel em seus sapatinhos.

Qual não foi minha decepção, quando à meia-noite levantei-me e vi meus sapatinhos vazios, molhados pelo sereno da noite. Sobre os sapatos de Leninha, uma boneca.

Voltei para a cama silenciosamente. Leninha ainda dormia.

— Como Papai Noel esqueceu de mim?

Eu não conseguia entender isso. Sem perceber, adormeci.

Ao amanhecer... Confesso que não conseguia distinguir se o que meus olhos
slumbravam era sonho ou realidade. Sobre meus sapatos havia um lindo vesti-
o! Peguei-o e dirigi-me até a cozinha, sem nada entender.

— Tia, eu acordei durante a noite e não havia presente para mim! Falei
desconfiada, mostrando-lhe o vestido.

— Sabe filha, é que Papai Noel não sabia que você viria para cá, pois che-
ou aqui em cima da hora. Quando o “Bom Velhinho” deparou com mais sapa-
nhos, além dos de Leninha, coçou a cabeça, pois foi pego de surpresa e resol-
eu voltar mais tarde.

Nisso entrou Leninha precipitadamente, que sem saber ainda do vestido
mostrou-me a boneca e disse:

— Veja Dalva! Papai Noel deixou para nós!

Estendeu-me a boneca para que eu a pegasse.

Esse, posso afirmar, foi um Natal inesquecível.

Não há presente no mundo que pague o carinho, a solidariedade e o amor
o próximo. Tudo isso pode ser demonstrado através de pequenos gestos como
s das pessoas daquela humilde casa.

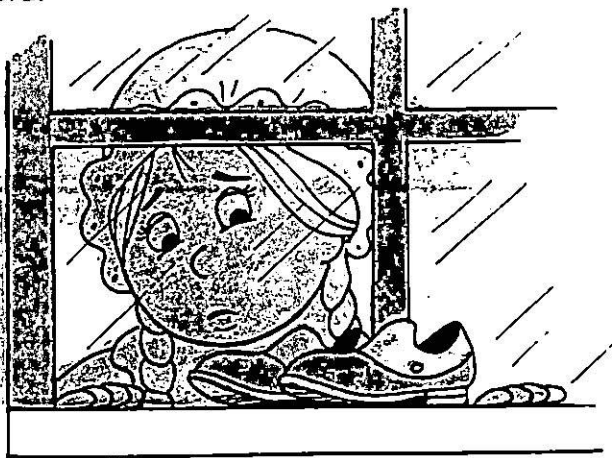
Esta história foi escrita por Armando Coelho
de Carvalho Neto, especialmente para esta
obra.

Vocabulário

movida: enternecida.

cepção: desapontamento.

slumbravam: começavam a ver.



Você quer saber?

Escreva no caderno as palavras do texto que você não entendeu. Consulte um dicionário para saber o significado delas.

Você sabia que:

- Em alguns países, o Papai Noel tem o nome de São Nicolau?
- O Natal é uma festa religiosa na qual se comemora o nascimento do Menino Jesus, marcando o início da Era Cristã?

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTOS DE LETRAS

1. Você considera necessária as leituras de textos (livros didáticos: Língua Portuguesa) para auxiliar na formação intelectual da criança? Comente.
2. O que acha da proposta que os PCNs aborda?
3. Com relação aos textos do livro didático e os PCNs, o que tem a dizer?
4. Que alterações você sugeriria para que os textos do livro didático viessem a atender as necessidades dos educandos?
5. Você acha que houve alguma modificação aos textos atuais apresentados pelo livro didático?
6. O que você acha da participação dos pais no processo - ensino aprendizagem?
7. Que métodos pedagógico você poderia usar como recursos de leitura?
8. Como você vê hoje o ensino nas séries iniciais? Comente.
9. Leia os textos anexos e comente sua possível proposta de trabalho dentro da leitura e interpretação:

Não totalmente. Geralmente os textos de leitura são na maioria desvinculados da realidade da criança.

São propostas que deve ser analisadas e tudo que para a bem do educando precisa ser considerada.

8ª que na maioria dos textos são contradizentes aos PCNs.

Por que a cidadania é um direito fundamental e de qualidade para todos, os livros didáticos deveriam ser elaborados de maneira que viessem ao encontro da necessidade da criança, afinal elas devem ser preparadas para enfrentar um mundo real e não de fantasias.

Sim, houve uma pequena modificação, mas ainda deve muito a melhorar.

Eu acho fundamental, muitas das vezes é conhecendo os textos que você consegue entender o filho.

Poderia usar revistas, jornais, gibis, literatura infantil juvenil, etc, desde que chamasse a atenção do aluno. É necessário também que a criança fosse informada dos textos reais e dos fictícios.

Sinto angústia porque sou professora nas séries iniciais e batalho de verdade, mas o ensino ainda continua tradicional, e para que isso possa mudar, precisamos de espaço físico adequado e cursos de capacitação.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTOS DE LETRAS

1. Você considera necessária as leituras de textos (livros didáticos: Língua Portuguesa) para auxiliar na formação intelectual da criança? Comente.
2. O que acha da proposta que os PCNs aborda?
3. Com relação aos textos do livro didático e os PCNs, o que tem a dizer?
4. Que alterações você sugeriria para que os textos do livro didático viessem a atender as necessidades dos educandos?
5. Você acha que houve alguma modificação aos textos atuais apresentados pelo livro didático?
6. O que você acha da participação dos pais no processo - ensino aprendizagem?
7. Que métodos pedagógico você poderia usar como recursos de leitura?
8. Como você vê hoje o ensino nas séries iniciais? Comente.
9. Leia os textos anexos e comente sua possível proposta de trabalho dentro da leitura e interpretação:

Não totalmente. Geralmente os textos de leitura são na maioria desvinculados da realidade da criança.

São propostas que deve ser analisadas e tudo que para o bem do educando precisa ser considerada.

8ª que na maioria dos textos são contradizentes aos PCNs.

Spª que a cidadania é um direito fundamental e de qualidade para todos, os livros didáticos deveriam ser elaborados de maneira que viessem ao encontro da necessidade da criança, afinal elas devem ser preparadas para enfrentar um mundo real e não de fantasias.

Sim, houve uma pequena modificação, mas ainda falta muito a desejar.

Eu acho fundamental, muitas das vezes é conhecendo os textos que você consegue entender o filho.

Poderia usar revistas, jornais, filmes, literatura infantil juvenil, etc, desde que chamasse a atenção do aluno. É necessário também que a criança fosse informada sobre textos reais e dos fictícios.

Sinto angústia porque sou professora nas séries iniciais de batalha de verdade, mas o ensino ainda continua tradicional, e para que isso possa mudar, precisamos de espaço físico adequado e cursos de capacitação.

Através de textos como estes, é que os professores devem levar os alunos a questionar, mostrando a eles todas as hipóteses que podem ser levantadas. A criticidade das crianças deve ser despertada através de debates.

É evidente que estes textos contam a realidade da maioria das crianças, eles se relacionam diretamente com o seu cotidiano. É necessário que se produza dentro dos textos um discurso com ideologia mais justa. Tais textos como são, não estimulam o leitor a transpor os limites da “mesmice”. Os textos devem ser elaborados dentro de uma ideologia encorajadora, mostrar que tudo é possível conseguir desde que posicionemos diante dos fatos e que a experiência cotidiana sirva de passagem para conhecimentos científicos. O certo é que tudo isso não surge do nada e a escola é um dos meios para possibilitar a cada indivíduo o provimento de compreensão suficiente para que os mesmos possam habilitar-se a desempenhar suas funções sociais de maneira justa.

O mesmo texto que aborda os fatos que fazem parte do dia-a-dia da criança, não deixa de passar sua ideologia conformista. Os mesmos são produtos de uma “atividade sistemática, intencional e organizada.” (Neidson Rodrigues).

Paulo Freire, 69:1992 faz uma importante abordagem:

Pôr em prática um tipo de educação que provoca a consciência do estudante necessariamente trabalha contra alguns mitos, que nos deformam. Esses mitos deformadores vêm da ideologia dominante na sociedade. Ao contestar esses mitos, também contestamos o poder dominante.

Não se tem ainda, bem clara, a noção ideológica da nova proposta de ensino. Sabe-se que também faz parte do mesmo sistema organizado a qual propõe estudos para uma mudança visando melhorar o sistema que a escola tem trabalhado até o presente momento. A proposta dos PCNs oferece aos professores condições de uma nova metodologia de ensino que visa atender aos anseios de uma sociedade moderna.

Para atender às novas expectativas de ensino, a escola já começa a receber novos livros didáticos que segundo mostra a capa, são de acordo com os PCNs. Dentre eles destacamos uma coleção com um título bem interessante: “Viver e Aprender”.

Depois de rápida análise pode-se observar que realmente têm uma aparência um pouco diferente dos demais livros que fazem parte do cotidiano escolar.

Espera-se que esta nova proposta possa verdadeiramente atender às demandas necessárias para uma ação transformadora que venha capacitar o sujeito a exercer seu papel de cidadão responsável por um amanhã sempre melhor que o hoje.

Considerações finais

Chegando ao final deste trabalho, percebe-se que a escola está empenhada na busca de capacitação que realmente venha a atender às demandas da educação. É um desafio. A escola, por sua vez, está a munir-se de meios para corresponder à proposta que tem recebido. É seu dever analisar tal proposta, e adequá-la à realidade de cada comunidade escolar. É uma proposta única para toda noção brasileira, cabe portanto, aos responsáveis a adequação da mesma.

Vê-se a preocupação desta instituição que luta para sair da prática tradicional, mas o processo de transformação tem gerado sofrimento e até mesmo insatisfação por parte de alguns pais que estão alheios aos atuais acontecimentos, sendo necessária uma verdadeira interação da escola com toda a comunidade onde está inserida.

De acordo com as observação percebe-se que a escola pública começa a ter visão de que realmente é necessário valorizar e considerar o conhecimento do educando, este não pode ser excluído e sim ampliado. Para isso, a escola deve proporcionar oportunidades, adequar trabalho coletivo e despertar visão crítica, primeiramente em sua clientela estudantil e esta estará sendo repassada até as famílias e à comunidade em geral.

Bibliografias

- BRAGANÇA, Angiolina Domanico. Porta de Papel: língua portuguesa. 1ª série / Angiolina Domanico Bragança, Isabella Pessoa de Melo Carpaneda, Regina Lára Moreira Nassur. – São Paulo: FTD, 1996. (Coleção Porta de Papel) – Edição renovada.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997. 144 p. Ensino de primeira à quarta série.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p. ensino de primeira à quarta série.
- DEMO, Pedro. 1941 – Sociologia: uma introdução crítica / Pedro Demo. – São Paulo: Atlas, 1983.
- ECO, Umberto, 1932 – Mentiras que parecem verdades / Umberto Eco, Marisa Bonazzi; [tradução de Giacomina Faldini; direção da coleção Fanny Abramovich]. – São Paulo: Sammus, 1980.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREITAG, Bárbara. O livro didático em questão / Bárbara Freitag, Valéria Rodrigues Motta, Wanderley Ferreira da Costa. – 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Biblioteca da Educação, série 8 – Atualidades em educação, v. 3)

- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. Escola Ciclada de Mato Grosso: Novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer. Cuiabá: Seduc. 2000. 195 p.
- MARSICO, Maria Teresa. Marcha Criança: português: 4ª série: 1º grau / Scipione – São Paulo: 1995.
- MOLINA, Olga. Quem engana quem: professor x livro didático. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987.
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chaga Deiró. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 12. Ed. São Paulo: Editora Moraes. 1978.
- REVISTA Nova Escola – Março de 2001 Livro didático. Use bem e desperte a vontade de aprender.
- RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na escola / Neidson Rodrigues. – 9. ed. – São Paulo Cortez, 1993.
- SHOR, Ira. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. Repensando a Didática (coord.) 11. ed. Campinas, SP.: Papirus, 1996. Vários autores.

ANEXOS



O dono da bola

Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua. Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar! Até um bem elétrico ele ganhou do avô.

E tinha bicicleta, com farol e buzina, e tinha tenda de índio, arrinhos de todos os tamanhos e uma bola de futebol de verdade.

Caloca só não tinha amigos, porque ele brigava com todo mundo. Não deixava ninguém brincar com os brinquedos dele. Mas futebol ele tinha que jogar com a gente, porque futebol não se pode jogar sozinho.

O nosso time estava cheio de amigos. O que não tínhamos era bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa.